

© Trem da HISTÓRIA

Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações da Fundação Cultural Calmon Barreto

Araxá, maio de 2003 - Ano 13 - Nº 35 - R\$ 3,50



A nobre missão
de ser mãe



**Em nome do município cumprimento as mães araxaenses.
À elas o nosso reconhecimento e gratidão pelo carinho,
dedicação e amor aos filhos de Araxá.**

Antônio Leonardo Lemos Oliveira
Prefeito de Araxá

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAXÁ

PREFEITO

Antônio Leonardo Lemos Oliveira

ARAXÁ

Renovação, Participação e Desenvolvimento
2001-2004

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO

PRESIDENTE

Magaly Cunha Porfírio

Fernanda Alves Barcelos

Depto. Escola de Música "Maestro Elias Porfírio de Azevedo" — DEM

Maria Leonor Teixeira Lemos

Rosemary de Faria

Setor de Projetos Especiais — SPE

Silvana Aparecida Alves Borges Batista

Cecília Angélica Machado de Paiva

Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações — SAPP

Maria Trindade C. Resende Goulart

Maria Virginia Rios do Amaral Valle

Maria Abadia Faria Silva

Keyla Barbosa Machado

Setor de Patrimônio Cultural — SPC

Regina Aparecida de Oliveira

Patrícia Sueli Ladeira Borges

Setor de Artesanato — SA

Terezinha de Oliveira Lemos

Setor de Eventos — SE

Henrique Natal Vieira

Adolfo José do Nascimento

Leane Maria de Figueiredo Castro

Setor Administrativo-Financeiro — SAF

Elaine Aparecida Oliveira Farnesi de Araújo

Aparecida Marlucia de Melo e Costa

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Walace de Resende Torres

Reg.: MG-06.343 JP

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO

Keyla Barbosa Machado

REVISÃO

Antônia Verçosa

LAY-OUT E ARTE FINAL

Imagem Propaganda

CAPA

FOTO

Família de Etelvina Borges

IMPRESSÃO

Gráfica Planeta

 Fundação Cultural
Calmon Barreto

Praça Arthur Bernardes, 10 – Araxá/MG – 38.183-218
Fones: (34) 3691-7091 — 3691-7092 — 3691-7093
E-mails: fccb@terra.com.br e barretoaraxa@ig.com.br

As informações contidas nesta revista podem ser reproduzidas desde que citadas as fontes.

NESTA EDIÇÃO

QUEM FOI QUEM
Olegária de Almeida Costa

02

Viva Nossa Senhora d'Abadia!!!

04

MEMÓRIA FAMILIAR
A nobre missão de ser mãe

10

PRIMEIRAS PALAVRAS

Alguns temas da história local são autênticos marcos de memória da população de Araxá. Sem dúvida, a **Romaria** ao Santuário de Nossa Senhora d'Abadia, na cidade de Água Suja, hoje chamada Romaria, é um deles. Há mais de um século, os católicos araxaenses praticam o culto à santa. Há setenta anos, aproximadamente, realizam o ritual de reverenciá-la, seguindo em romaria até a mais antiga igreja da região erguida em sua devoção.

Por isso **O Trem da História** dedica parte dessa edição à origem e ao percurso, no tempo, dessa forte manifestação de fé. Esta, na verdade, está amparada em uma rede de laços históricos e culturais, comuns aos mineiros e goianos.

Da mesma forma que uma coleção de fotografias serviu como suporte de lembranças para o mundo que se desenhava em torno das romarias, outra pesquisa é agora publicada, partindo de imagens fotográficas. Tendo a **maternidade** como foco e a celebração do dia das mães como referencial, algumas mulheres têm suas vidas aqui contadas. São integrantes de gerações que se formaram para uma missão: a de cumprir rigorosamente seus deveres na família e na sociedade.

Numa tentativa de firmar, cada vez mais, nossa identidade, aliamos história, religião, formação social, trabalho, memória, cultura e tantos outros conceitos. A publicação da biografia de **Olegária de Almeida Costa** é uma amostra do papel social da mulher que é mãe, esposa, negra, trabalhadora, produtora cultural e, portanto, plenamente engajada no ritmo do tempo em que viveu.

Olegária de Almeida Costa

A Passista-Mãe



2º plano, da esquerda para direita: Walter, Waldir, Wanda, Waldomiro e Wanderlei. 1º plano, da esquerda para a direita: Wanderval, Vani, Olegária, Sebastiana (mãe), Maria Cândida (sogra) e Miguel. Crianças, da esquerda para a direita: Vanilda, José Domingos, Valdanci e Valci. Década de 1950. Acervo da família Olegária de Almeida Costa.

Olegária, araxaense nascida no "mês do Carnaval", tornou-se popularmente conhecida como carnavalesca e figurinista dos "Irmãos Passistas" que, na verdade, foram os filhos seus e de Miguel Martiniano da Costa, o "Miguel Sapateiro", seu marido.

Nesses papéis divulgou o nome de Araxá além dos limites geográficos da terra natal. Passados os dias de Momo trabalhava intensamente, ora fazendo sabão ou pastéis para vender, ora costurando, bordando, plissando, cobrindo botões e confeccionando flores de tecido. Por estes e outros motivos, a menina que nasceu em 13 de fevereiro de 1918, filha de Sebastiana Ferreira, hoje é nome de rua no Bairro Ana Pinto de Almeida.

Trabalhadora e caridosa, realizava benzeduras e, através das cartas de baralho, "lia a sorte" daqueles que a procuravam.

Coincidência ou não, Olegária e "Seu Miguel Sapateiro" casaram-se em abril de 1937, no momento em que a comunidade negra local inaugurava o Clube União, derivado do grupo carnavalesco chamado Bloco União. Tanto o clube quanto o carnaval e, posteriormente, o bloco que evoluiu para Escola de Samba Irmãos Passistas foram alguns dos símbolos da vida deste casal. Os dez filhos (Walter, Waldir, Waldomiro, Wanderval, Wanderlei, Wanda, Vani, Wandanci, Valci, Vanilda) e outros cinco (Jacqueline, Sidney, Túlio, Maria Aparecida e Márcio), os quais criaram como se fossem seus, incorporaram-se à tradição firmada pelo casal.

Conciliando trabalho e lazer, a família de Olegária e "Seu Miguel" freqüentava com assiduidade o Clube União. Participava não só dos célebres bailes, dos pré-carnavais e dos desfiles dos blocos, mas também dedicava-se com afinco às tarefas

burocráticas e cotidianas para manter o vigor da instituição.

A sede do clube atraía para o seu entorno os cidadãos araxaenses negros, bem como muitos brancos estimulados pela animação que ali reinava. Nos vários pontos onde o "União" funcionou – ao longo de mais de seis décadas – até a construção da sede própria da rua Santa Rita, as ruas à sua volta formaram verdadeiros espaços de cultura e de lazer.

A dança e, especialmente, o samba foram as grandes paixões de Olegária. Graças ao seu idealismo e empenho aliados à coesão entre pai, mãe, filhos, sogros, noras e netos, o bloco da família – sempre presente no Clube União – evoluiu para Escola de Samba Irmãos Passistas.

Olegária criava e confeccionava as fantasias com mãos habilidosas e a Escola empunhava sua bandeira e suas cores com muito brilho: dourado,

À porta de sua casa (localizada à rua Perdizes) realizavam-se os ensaios de carnaval. O interior da residência era o lugar onde, sob sua supervisão, os "passistas" se aprontavam, impecavelmente, para as festas.

A carnavalesca Olegária inovou ao introduzir a ala das baianas nos desfiles de Araxá. Nestes momentos, a estilista, costureira e bordadeira vestia-se como tal para dançar nas ruas, abrir muitos carnavais nos salões do Grande Hotel, desfilarem em Belo Horizonte e em outras cidades mineiras ou, ainda, participar de eventos diversos ocorridos na cidade.

Ao lado do marido, Olegária transmitiu aos filhos o amor pelo carnaval. Ofereceu-lhes também a oportunidade de estudar e só não o fez aquele que não quis.

Na *Sapataria Central de Seu Miguel* ela colaborou com os filhos que seguiram a profissão do pai. Ressolou cintos, cortou e costurou botinas, muitas delas usadas pelos funcionários da então DEMA "nos tempos do *Mr. Cole*", seu diretor.

A *Escola de Samba Irmãos Passistas* abandonou os carnavais quando, em 02 de junho de 1991, faleceu Olegária, cuja morte,



Em pé: Vanilda. Sentadas, da esquerda para a direita: Wanda, Olegária, Vani, Valci e Wandalci. Década de 1960. Acervo da família Olegária de Almeida Costa.

segundo as filhas, foi por ela presentada. A figura materna permanece forte e imponente na casa que abriga a memória familiar, pois lá estão os objetos domésticos, os instrumentos de trabalho e as lembranças de muitos carnavais, visualizados em fotografias, troféus, medalhas e placas. São prêmios exibidos com orgulho e saudade.

Fontes:

Depoimentos de Wanda Costa, Vani Costa e Vanilda Costa.

O TREM DA HISTÓRIA. Fundação Cultural Calmon Barreto, Araxá, n. 33, jan./maio/2002.

Pesquisa:

Glaura Teixeira Nogueira Lima

Maria Trindade Coutinho Resende Goulart

Texto:

Glaura Teixeira Nogueira Lima



Em pé, da esquerda para direita: Wanderlei, Wanderval e Walter. Sentados, da esquerda para direita: Sebastiana, Olegária, Wandalci, Valci, Waldir, Florínedes, Wanda e Vani. Década de 1960. Acervo da família Olegária de Almeida Costa

Viva Nossa Senhora d'Abadia!!!



Romeiros araxaenses em frente à Igreja de Nossa Senhora d'Abadia em Água Suja (Atual Romaria). Setembro/1939. Acervo Igreja Matriz de São Domingos.

Graças à Nossa Senhora d'Abadia, muitas mulheres de Araxá, ao longo do tempo, têm cumprido seus deveres na sociedade. Isso porque, através de sua devoção, herdada dos antepassados, praticam a religião da forma como foram educadas, isto é, com a mesma responsabilidade com que se engajam nos papéis de mãe, de esposa, de filha ou de irmã religiosa.

Os homens também têm se revelado devotos da santa. Muitos jovens e crianças assistem desde cedo às cerimônias que reverenciam a imagem solenemente exposta em um dos altares da Igreja Matriz de São Domingos, conhecido como capela de Nossa Senhora d'Abadia (à direita de quem entra). A propósito, nesta capela foi sepultado o vigário Pe. Emílio Carlos Philippini, incentivador e entusiasta dessa tradição.

Este é um costume religioso secular e, como tal, deve resistir à

força do tempo e ser preservado. Uma das formas de mantê-lo é a própria romaria de fiéis que, atualmente, se dirige ao santuário de Água Suja.

Araxá habituou-se a dar vivas a Nossa Senhora d'Abadia, na saída e na chegada da romaria, uma das mais fortes manifestações da fé católica. A origem dessa devoção revela a identidade cultural nascida dos laços históricos que unem os mineiros da região oeste de Minas Gerais com os nossos vizinhos goianos.

O fato de o antigo Triângulo Mineiro ter pertencido a Goiás até 1816, envolvendo um dos episódios que celebrou D. Beja, produziu muitas histórias afins entre os moradores dessas terras. Antes disso, as trilhas que ligavam os caminhos até o Planalto Central foram percorridas por homens da Coroa Portuguesa e tropeiros, sem contar as semelhanças

do passado indígena. Populações de índios habitaram um e outro lugares no período anterior à colonização.

Proximidade geográfica, condições naturais e políticas similares, estradas inclusive ferroviária que cruzavam essas rotas e convivência entre os cidadãos são alguns fatores que determinaram costumes comuns, dentre esses, a fé nutrida em Nossa Senhora d'Abadia.

Padroeira do Triângulo

Eclesiasticamente, todo o Triângulo esteve subordinado a Goiás até o século XX. Bem antes disso, os romeiros triangulinos acostumaram-se a participar da festa de Nossa Senhora d'Abadia, realizada em Moquém (GO), desde o século XIX. Cumprindo promessas, seguiam em carros de boi, enfrentando as



Romeiros araxaenses que, pelo quinto ano consecutivo, participaram da Romaria a Água Suja. Setembro/1940. Acervo Igreja Matriz de São Domingos.

adversidades dos caminhos e da natureza.

Existem referências que indicam que a santa já era popular quando aconteceu a Guerra do Paraguai (1865-1870). Nessa ocasião homens da Guarda Nacional passaram por nossa região e a ida até Goiás, em peregrinação, tornou-se inviável.

Por volta de 1869, os fiéis conseguem autorização para construir uma igreja invocando a proteção de Nossa Senhora d'Abadia. A opção por Água Suja, hoje Romaria, deveu-se à existência do garimpo de diamantes que provocou a chegada de novos habitantes e em conseqüência, a riqueza por ali passou a circular.

Daí por diante, vilas e cidades construíram suas igrejas d'Abadia. O Estado e a Igreja, separados por decreto, com a república a partir de 1889, mantiveram-se fortemente unidos no propósito de preservar "o consenso social e religioso, a unidade territorial, a busca de homogeneização de padrões de comportamento da população". Uberaba teve a sua igreja inaugurada em 15 de agosto de 1902.

Assim é que Nossa Senhora d'Abadia alimentou também a fé dos araxaenses. Em 1890, possivelmente, Araxá já contava com um templo localizado no alto da Avenida d'Abadia (antigo nome da atual avenida

Antônio Carlos), no mesmo lugar onde se encontra a Matriz de São Domingos.

A Matriz ocupou o espaço da antiga Igreja d'Abadia, demolida na mesma época da reurbanização de Araxá, quando outras tiveram o mesmo fim. Isto para dar início à construção da nova Matriz, em 1911, inclusive absorvendo o material utilizado nas demais.

Desde então, Araxá introduziu um estilo próprio, bem peculiar, de expressar o teor de religiosidade presente na população local, sem deixar, contudo, de manter-se fiel à essência da tradição regional dos devotos d'Abadia.

Essa festividade tem-se repetido há décadas. Ainda que se lute para conservar o vigor do passado, as lembranças individuais e os registros históricos permanecem vivos na memória da comunidade católica e nos arquivos existentes, pessoais ou não.

Novenas e missas rezadas, cortejos e procissões acompanhados por centenas de pessoas movimentaram o cotidiano da cidade, anualmente, durante os meses de agosto. Comissões organizadoras de significativa popularidade cuidavam da programação, seguida rigorosamente. Alvoradas de sinos, bandas de

música, salvas de tiros, queimas de fogos, leilões, cortejos de crianças e festeiros compunham o cenário das novenas, da missa solene e da pomposa procissão de encerramento. As cerimônias agregavam em torno delas as irmandades religiosas, as associações ligadas à Igreja e a extensa população de católicos. Para proteger a imagem e os fiéis, os soldados do Tiro de Guerra imprimam ares de autoridade ao desfile religioso.

Em 1923, por exemplo, a Festa da Abadia (ainda escrita com dois "b") revestiu-se ainda mais de suntuosidade e de fervor. Naquele ano, os panfletos em forma de convite circularam pela cidade anunciando a presença do Pe. José Gaspar de Affonseca e Silva na programação das cerimônias. Exatamente no dia 15 de agosto, quando se comemora o dia da santa, o padre araxaense que, mais tarde, seria consagrado arcebispo, rezou sua primeira missa na terra natal.

A romaria

Os anos 1930 consolidaram o culto à santa que inspira fé e proteção aos araxaenses. A partir daí instituíram-se comissões específicas (às vezes, dividida em feminina e



Cortejo dos festeiros de Nossa Senhora d'Abadia durante a procissão. Agosto/1940. Arquivo FCCB/SAPP-0199C.

masculina) para conduzirem os fiéis até o Santuário de Nossa Senhora d'Abadia de Água Suja. Nessas comissões revelou-se repetidamente a liderança de alguns homens e mulheres como João Geraldo, D. Carlota de Mello, D. Jandira Santos (hoje, substituída por sua filha Terezinha Oliveira Neri), entre outros. Esses fi-

zeram das romarias à Água Suja uma instituição e um verdadeiro patrimônio histórico-cultural.

Havia aqueles que seguiam a pé mas, na sua maioria, os fiéis partiam em caminhões perfilados, formando um grande comboio. Entoavam cantos e orações enquanto, nas ruas, a população assistia ao desfile de despedida dos romeiros com aplausos

e vivas à Nossa Senhora d'Abadia.

Para registrar esses momentos de forte expressão da fé católica e de, não menos, significativa manifestação cultural, a Igreja Matriz de São Domingos conserva, com dedicação, uma série de fotografias sobre o tema. Esta coleção abrange o período de 1936 e 1981 e serviu de suporte



Saída da Romaria com destino ao Santuário de Nossa Senhora d'Abadia, percorrendo a Rua Boa Vista (hoje, Olegário Maciel). Setembro/1941. Arquivo FCCB/SAPP-0201C.



Romeiros araxaenses comandados pelo Pe. Emílio Philippini, em frente ao Santuário de N. Sra. d'Abadia em Água Suja. Setembro/1941. Acervo Igreja Matriz de São Domingos

para O Trem da História. Reúne imagens em conjunto que muitos romeiros, em particular, mantêm em seus álbuns de família.

A festa de Nossa Senhora d'Abadia, em 1943, contou com uma programação especial ocorrida no Barreiro. Menos de um ano antes da inauguração oficial das Termas e do Grande Hotel, os festeiros Octavio Machado de Queiroz e José Paulo Iplinsky organizaram solenidades com alvorada pela Banda Lira Araxaense, fogos, repiques de sino, procissão e missa rezada na Capela de Jesus Crucificado (a do Hotel Colombo).

Enquanto o mundo vivia um fortalecimento da crença na religião católica, nos anos 50, justificado pelas idéias anticomunistas, os araxaenses promoviam grandes romarias que solidificaram essa tradição católica nos anos subseqüentes.

Na romaria de 1954, por exemplo, os fiéis depois de se inscreverem com o "Sr. João Geraldo" como passageiros de ônibus, de caminhão (na boléia ou carroceria), de automóveis ou motocicletas — os preços variavam de acordo com o conforto oferecido pelo meio de transporte — puderam peregrinar até Água Suja, de acordo com um programa cuidadosamente elaborado

pela comissão, com o visto do vigário Pe. Emílio Philippini. A comissão, formada por políticos, comerciantes, funcionários públicos e médicos, dentre outros, ofereceu um tríduo de preparação à Romaria com cânticos, terço, bênção e confissões. Antes da saída dos romeiros nas respectivas conduções, numeradas, houve alvorada pela banda de música, fogos e repiques de sinos que precederam missa e comunhão.

O itinerário até Água Suja constou da primeira parada no rio Quebra-Anzol para almoço, seguida de outras.

Ao chegarem ao alto da cidade-santuário os fiéis desceram em procissão para a primeira visita à santa. Além de missa, houve comunhão, viasacra e procissão luminosa (de velas acesas) com posterior bênção do Santíssimo. Na manhã seguinte, encerrando o ritual, fizeram-se as despedidas ao padre e vigário de Água Suja e ao povo da-quele cidade.

É interessante observar que os costumes praticados nos momentos de chegada e de partida obedeciam, tanto aqui quanto lá, às regras determinadas, incorporando ritos que



Cachoeira do Pai Joaquim, em 1º plano. Ao fundo, a ponte sobre o rio Quebra-Anzol e caminhões transportando os romeiros. Setembro/1941. Acervo Igreja Matriz de São Domingos.



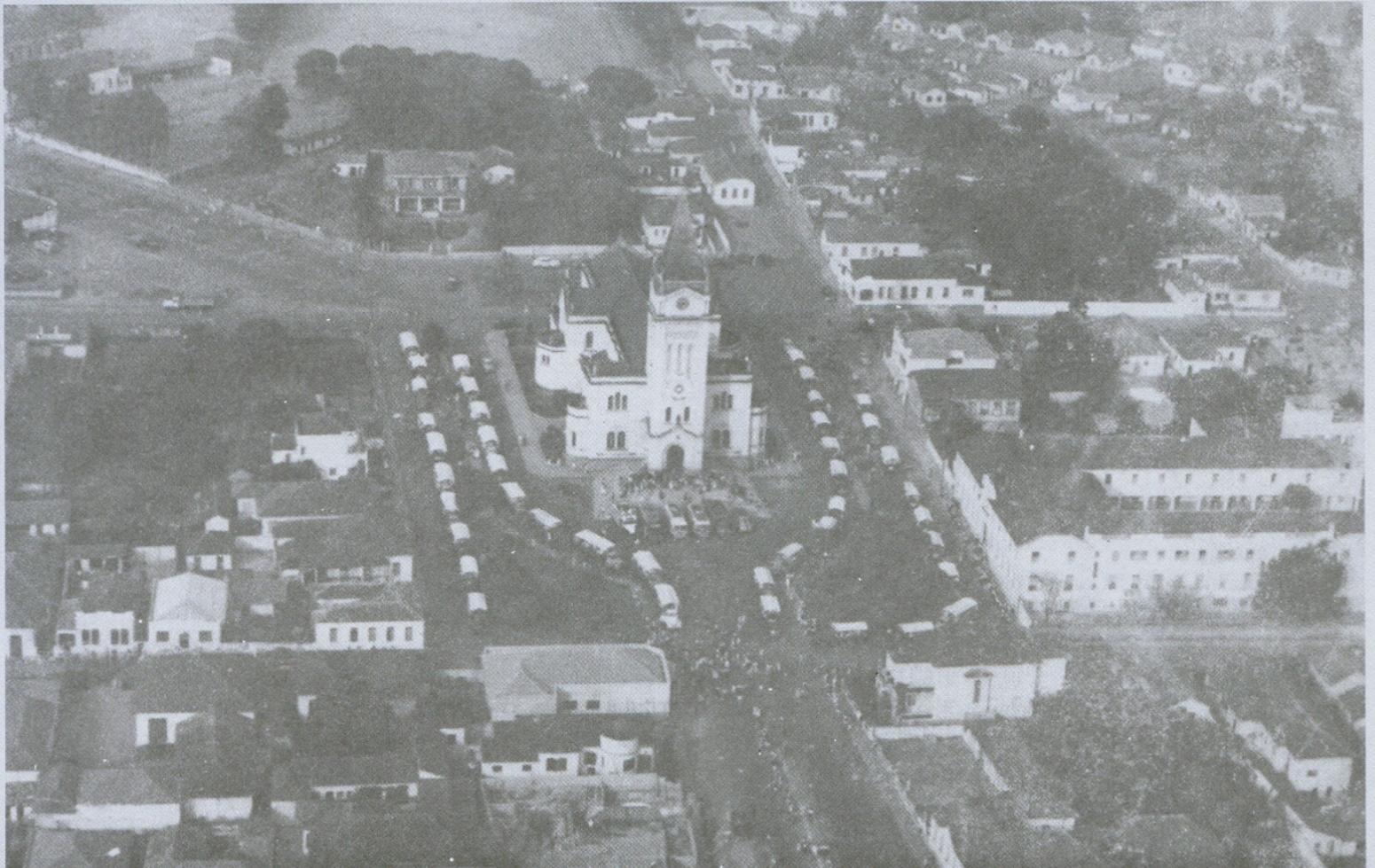
Vista geral da Romaria ao Santuário de N. Senhora d'Abadia em Água Suja. 1949. Acervo Igreja Matriz de São Domingos.

se repetiam continuamente.

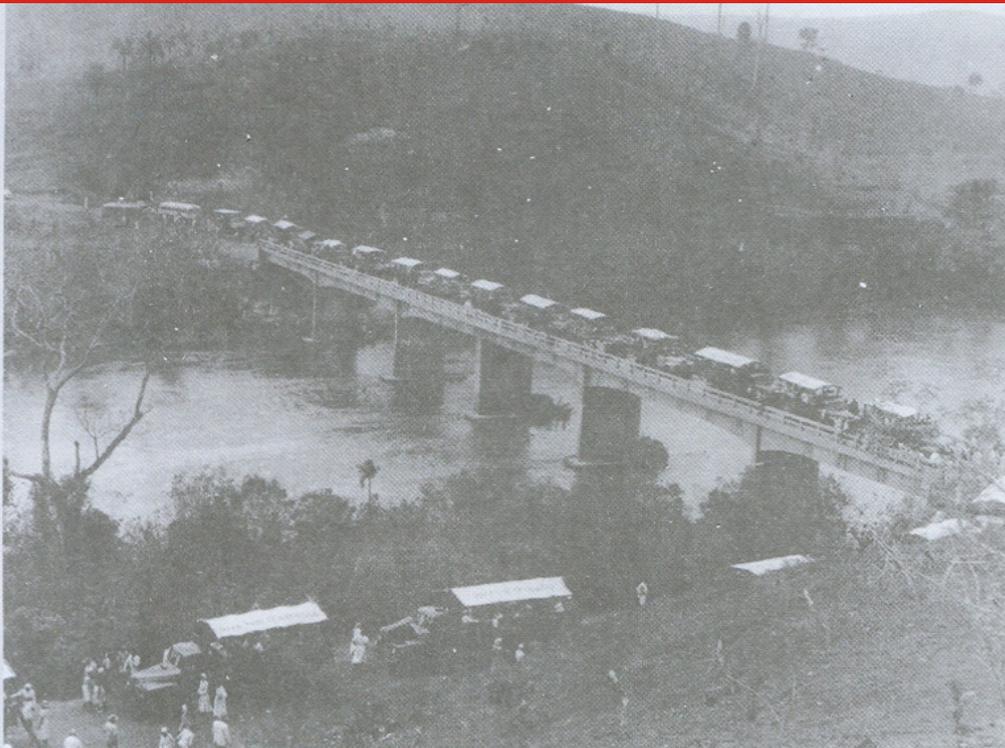
Nas últimas décadas têm-se preservado esses ritos, ainda que com menor intensidade do que aquela vi-

vida no passado. Tradições como essas estão sujeitas, é claro, às transformações da vida cotidiana. A transição para o século XXI

direcionou para uma retomada das raízes históricas. Com certeza é imperativa a necessidade de se manter esta manifestação cultural, tão forte-



Saída dos romeiros da Igreja Matriz de São Domingos com destino ao Santuário de N. Sra. d'Abadia. Década de 1950. Acervo SAPP/FCBB-0057



Romaria com destino ao Santuário de N. Sra. d'Abadia em Água Suja, atravessando a ponte sobre o rio Quebra-Anzol. 1953. Acervo Igreja Matriz de São Domingos.

mente presente no dia-a-dia da população católica de Araxá.

Fontes:

Arquivo da Igreja Matriz de São Domingos.
Arquivos SAPP/FCCB.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Itatiaia Limitada, 1995.

_____. *História de Minas*. v. 1. Belo Horizonte: Comunicação, 1979.

GOMES, Francisco José Silva. *De súdito a cidadão: os católicos no Império e na República*. In: HISTÓRIA E CIDADANIA. Belo Horizonte: ANPUH, v. 2, jul. 1997, pp. 315-326.

NABUT, Jorge Alberto. *Nossa Sra. D'Abadia Fé e Elo de União entre o Triângulo Mineiro e Goiás*. In: ACERVO CULTURAL. Boletim Informativo do Arquivo Público e Fundação Cultural de Uberaba, Uberaba, n. 6, ago./1990.

O TREM DA HISTÓRIA. Fundação Cultural Calmon Barreto, Araxá, n. 22, jan./abr./1997.

O TREM DA HISTÓRIA. Fundação Cultural Calmon Barreto, Araxá, n. 24, out./dez./1997.

RODEGHERO, Carla Simone. *Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria*. In: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. São Paulo: ANPUH, v. 22, n. 44, 2002, pp. 463-488.

TÔRRES, João Camilo de Oliveira. *História de Minas Gerais*. v. 1, 3. ed. Belo Horizonte: Lemi; Brasília: INL, 1980.

Pesquisa:

Glaura Teixeira - Consultoria Histórica
Maria Trindade Coutinho Resende Goulart
Silvana A. Alves Borges Batista
Cecília Angélica Machado Paiva

Texto:

Glaura Teixeira Nogueira Lima



A pé e em fila os fiéis se dirigem à igreja para a primeira visita a Nossa Senhora d'Abadia. 1956. Acervo Igreja Matriz de São Domingos.

MEMÓRIA FAMILIAR:

a nobre missão de ser mãe

A memória familiar é revivida, na maioria das vezes, através de álbuns de retratos e de inúmeras histórias contadas por nossos pais, tios, avós e bisavós.

Observar e interpretar um retrato antigo é um aprendizado. As fotografias de família, guardadas em álbuns, caixas, gavetas, envelopes ou, ainda, expostas nas paredes para efeitos de decoração, rememoração, ou ambos, permitem que o passado chegue ao presente com rapidez.

Por meio das fotografias aprendemos a identificar relações de parentesco e tantos outros símbolos familiares representativos. Até mesmo as dedicatórias inscritas no verso conduzem a novas rotas, ligando a pessoa que dedicou a fotografia a quem a recebeu ou aos seus descendentes.

Em cada paisagem de fundo, cenário de um certo momento familiar eternizado no instante fotografado, podemos decifrar fragmentos de um tempo mais, ou menos, remoto. Outros sinais compõem o mosaico dessas lembranças: um objeto, um móvel, algumas peças do vestuário dos fotografados ou até mesmo a imagem do santo de devoção familiar.

SÍMBOLOS DE FAMÍLIAS

Cada instante da vida revelado pela fotografia traz consigo um manancial de emoções: alegrias, saudades e lágrimas. Traz também a possibilidade de estimular a memória dos mais velhos e o enriquecimento cultural, ao ouvir relatos interessantes sobre o passado.

Os depoimentos orais contam histórias de famílias e, também, inúmeras outras em comum, vividas pelos moradores de uma cidade, como Araxá, por exemplo. Isso porque as histórias individuais como as que publicamos exibem ângulos da memória coletiva.

Geralmente os avós são donos de lembranças infundáveis. Eles são o elo entre seus antepassados e seus descendentes. Mais do que a união que representam para comemorar datas significativas, eles têm o poder de reunir a família à sua volta e de transmitir quaisquer mensagens.

Quando nos contam suas lembranças pessoais ou coletivas, que são

suas experiências de vida, estão passando às gerações seguintes os valores em que se apoiaram, isto é, estão integrando os seus por meio da memória familiar.

O painel de fotografias que pu-

O painel de fotografias que publicamos nesta edição traz algumas mulheres que aqui nasceram, viveram e morreram no período entre meados do século XIX, anos oitocentos, até o final do século XX, anos noventa.

Essas mulheres foram crianças, filhas e irmãs. Algumas estudaram, outras não viveram essa experiência. Afinal, são de um tempo distante cronologicamente e, mais ainda, longínquo em diferenças de hábitos, costumes, deveres e direitos.

LEMBRANÇAS ETERNAS

As mulheres desse tempo indicado desempenharam muitos papéis. Foram doceiras, cozinheiras, costureiras, comerciantes, quitandeiras, professoras, bordadeiras, artesãs, enfim, cidadãs. Foram sobretudo, esposas, mães, avós e bisavós. São lembradas por tantas atitudes e ensinamentos quanto nos revelam suas imagens cristalizadas nestes instantes em que foram retratadas.

Muitos historiadores, especificamente historiadoras, vêm se dedicando ao estudo da atuação das mulheres bra-sileiras ao logo da história.

O estudo desse tema tem mos-trado aspectos interessantes da realidade das esposas, mães, avós e bisavós que viveram a passagem do século XIX para o XX. Até mesmo daquelas que nasceram após 1900, mas cujas vidas foram direcionadas por regras que seguiam, de maneira ampla, as políticas adotadas no Brasil como um todo.

Isso significa que os papéis sociais vividos por essas mulheres não foram estabelecidos por simples acaso. Ao contrário, originaram-se de uma divisão definida oficialmente entre o que deveria ser função de mulher, aliás, bem distinta da função atribuída ao homem.

Assim, o sexo feminino assumia integralmente as funções da maternidade, intercaladas com a dedicação às obras

assistenciais. O objetivo final de seu desempenho seria, indiscutivelmente, o de alcançar os ideais de esposa e de mãe.

PADECENDO NO PARAÍSO

Seguindo uma tendência mundial que chegou ao Brasil, a nova capital mineira, Belo Horizonte, e também Araxá, adotaram como metas para seus habitantes a higienização e a medicina social.

O Estado pretendeu ditar regras para a sociedade, apontando para a importância de valores como saúde, disposição para o trabalho, amor à pátria, à ordem e à família.

As cidades começavam a crescer exigindo novos serviços como escolas, hospitais, casas comerciais, meios de transporte, associações, sindicatos, clubes sociais e outras inovações. Os hábitos e comportamentos assimilados partiam do respaldo, principalmente, das famílias.

Para isso, a "rainha do lar" foi o esteio para assegurar uma vida saudável à família e à sociedade como um todo. A responsabilidade por gerir a casa e gerar filhos sadios, trabalhadores e patriotas consagrou às mulheres esse título de rainha.

MISSÃO DE EDUCAR

Para que elas cumprissem com extrema competência a missão de educar, os médicos lançavam as primeiras campanhas de combate à mortalidade infantil. O aleitamento materno passou a ser indicado como benefício essencial às crianças. Até então as amas de leite, na sua maioria escravas, assumiam esta função.

É claro que orientações médicas alcançavam as mulheres das elites que se inspiravam na conduta das européias, afinal o ideal de ser "moderna e civilizada" partia do velho continente.

E como faziam as demais mães para driblarem os poucos recursos de que dispunham? No difícil dia-a-dia, a maioria adotava os ensinamentos transmitidos oralmente por suas mães, avós, coma-

dres e vizinhas.

TRABALHANDO FORA DE CASA

Com tantas obrigações a cumprir no árduo cotidiano doméstico, algumas mães conciliavam a maternidade com o trabalho fora de casa. As araxaenses que tiveram a oportunidade de estudar, privilégio de poucas, formaram-se em colégios tradicionais como os de Oliveira ou Uberaba. Às vezes eram levadas por seus pais aos internatos de Belo Horizonte, São Paulo ou Rio de Janeiro. Retornavam a Araxá, como normalistas, para lecionarem nas escassas e efêmeras escolas particulares existentes ou no primeiro grupo escolar, o *Delfim Moreira*, fundado somente em 1911.

A grande maioria das moradoras de Araxá neste período, vislumbraram, porém, reduzidas alternativas para aumentarem a renda familiar ou colocarem em prática seus talentos individuais.

Aprimorando as técnicas de fazer doces, queijos e quitandas, assimiladas através da observação do trabalho das mães, avós, tias e madrinhas, muitas delas alavancaram o setor com o uso intenso da mão-de-obra feminina, ainda presente nos dias de hoje. Outras foram exímias rendeiras, outras teceram coichas, fizeram bordados e crochês com perfeição. Foram também costureiras que vestiam noivas, meninos e meninas com uniformes escolares ou com trajés de

batismo, crisma ou primeira comunhão. Batinas de padres, vestimentas de músicos, médicos, operários e soldados saíam de suas mãos. Fizeram chapéus e luvas, manipularam tachos e tantos outros utensílios domésticos. Sem contar aquelas que, junto dos maridos, assumiram funções do outro lado do balcão dos armazéns e lojas.

Nas grandes cidades, as mulheres ingressaram no trabalho das fábricas ou em repartições públicas. Tanto lá quanto aqui, principalmente, elas não podiam contar com os direitos legais de trabalhadoras. Sem as creches da atualidade, pesou sobre elas o acúmulo de obrigações sem quaisquer direitos. Antes de 1930, não houve nenhuma garantia trabalhista à mulher grávida, por exemplo.

O LAR COMO DOMÍNIO

Rica ou pobre, letrada ou extremamente habilitada para as prendas domésticas, as araxaenses identificaram-se com os modelos de mulher, de esposa e de mãe. Com doses de aceitação, ditadas por preceitos morais e religiosos, elas se tornaram exemplos fiéis de líderes de famílias matriarcais.

Tendo o lar como domínio, grande parte das mulheres aqui fotografadas viveu sem tempo de adquirir inúmeros direitos. Não votaram e sequer sonharam em ser votadas. Nasceram e foram educadas por pais e mães que, por sua vez, receberam

formação estritamente voltada para os deveres da mulher em relação ao casamento e à maternidade. Acreditava-se que nossas avós não se viam aptas a usufruir os direitos de cidadãs, embora lhes fosse inculcado o dever de formar os cidadãos da pátria.

FILANTROPIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL

A participação das mulheres araxaenses em movimentos religiosos e assistenciais também foi expressiva. Altruístas e dedicadas, já que assim foram educadas, praticavam a filantropia auxiliando obras de caridade. Organizadas em associações promoviam eventos beneficentes para angariar recursos para a Santa Casa de Misericórdia de Araxá ou para a construção de igrejas e escolas. Em sua grande maioria ingressaram em grupos de oração e de trabalhos sociais vinculados à Igreja Católica. Outras, em menor número, seguiram as diretrizes de doutrinas diferentes.

Era natural, portanto, que a sociedade solicitasse esse tipo de colaboração das mulheres. Afinal, elas já haviam comprovado qualidades essenciais para isso. A maternidade conferiu-lhes virtudes como "solidariedade, desvelo, cuidado e moralidade", facilmente perceptíveis nas fotografias e nas histórias abaixo publicadas.



Data da foto: 28/05/1960. 3º plano, da esquerda para a direita: Cássio, Helvécio, Renato, Domingos, Francisco, André e José. 2º plano, da esquerda para a direita: Dalva, Inês e Lourdes. 1º plano, da esquerda para direita: Luiza, Aída, Júlia, Dalva, Armando, Lourdes, Venina, Aparecida e Maria do Rosário.

Venina Machado Santos (1893 – 1991)

Filha de Belarmino de Paula Machado e Luiza Machado, Venina nasceu no dia 17 de dezembro de 1893. Jovem ainda casou-se com Armando Santos. Tiveram 15 filhos: José, Dalva, Maria do Rosário, Domingos, Luiza, Renato, Lourdes, Júlia Helvécio, Inês, Cássio, Francisco, André, Aída e Maria Aparecida. Segundo a família, “duas qualidades, entre outras, foram marcantes em sua vida: o seu espírito religioso e a grandeza de seu coração. Para o marido foi dedicação total e para os filhos, mãe vigilante, exigente e grande educadora”. Faleceu em 17 de novembro de 1991.



**Almerinda de Paula Machado França
(1878 – 1955)**

Filha de Belarmino de Paula Machado e Luíza Machado, ela nasceu em 08 de maio de 1878. Casou-se com Belmiro França e tiveram 13 filhos: Achilles, Nelsa, Ruth, Edgard, Guilmar, Raul, Célio, Anésia, Levi, José, Arnaldo, Maria do Rosário e Antônio. Para a família Almerinda “foi uma pessoa humilde, sensata, prudente e generosa e os seus conselhos foram muito importantes na formação dos filhos e também na dos netos que ajudou a criar. À Nossa Senhora confiou os seus 13 filhos e os 15 mistérios distribuiu-os entre eles, eram 13, e os dois mistérios restantes, um era o seu e o outro do marido, formando assim o Santo Rosário”. Faleceu em 14 de agosto de 1955.

Data da foto: 1952. De cima para baixo: Antônio, Maria do Rosário, Arnaldo, Nelsa, Ruth, Levi, Anésia, José, Raul, Célio, Guilmar, Achilles, Edgard, Almerinda e Belmiro.

**Marcelina de Fontes Palhares
(1848 – 1939)**

Nasceu em 21 de julho de 1848, em Formiga-MG, onde se casou com Francelino José Cardoso Júnior. Professores, vieram para Araxá em 1875 e trabalharam no ensino público e particular. Tiveram 14 filhos: Antenor, Clorinda, Clodomir, Clóvis, Archidâmia, Carlos, Carmelita, Josina, Clodoveu, Clodion, Clélia, Clotário, Tarcísio e Ramon. Marcelina criou Francelino, filho do primeiro casamento de seu marido. Faleceu em Araxá no dia 08 de janeiro de 1939.



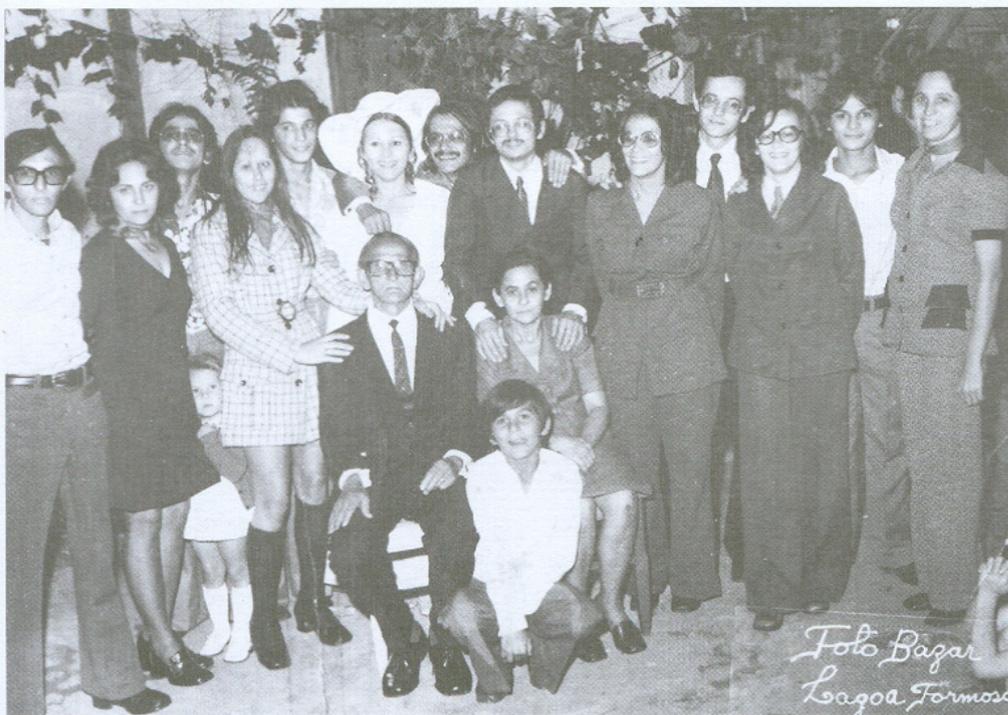
Data da foto: 1938. De pé, da esquerda para a direita: Clodion, Josina, Tarcísio, Clodoveu e Clóvis. Sentados, da esquerda para a direita: Clodomir, Francelino, Marcelina, Clorinda e Clotário.

Brasilina Gonçalves Barbosa

Nasceu em Vassouras-RJ. Filha de Antônio Gonçalves Boaventura e Albina Ribeiro Carolina de Jesus. Mudou com a família para São Francisco das Chagas do Campo Grande (hoje, Rio Paranaíba). Em 1862, casou-se com Eduardo Augusto Montandon, médico e político. Tiveram 17 filhos: Augusto Eduardo, Albina, Antônio Ami, Anna Augusta, Alexandrina, João Jacques, Perciliana, Eduardo Augusto, Heitor, Maria Augusta, José Augusto, Joaquim Augusto, Brasilina, Josephina, Henriqueta, Sancho Augusto e Alfredo Augusto.



Data da foto: década de 1920. Brasilina com os filhos, noras, genros e netos.



Data da foto: 1972. Em pé, da esquerda para a direita: José Maria, Lydia Maria, Pedro, Maria de Fátima, Marcelo, Geralda Maria, Roberto, Russel, Terezinha, Frederico, Maria Augusta, Francisco e Maria Nazaré. Sentados: José Gonçalo e Divina. Agachado: Luís.

Divina Vieira de Menezes (1918 – 2001)

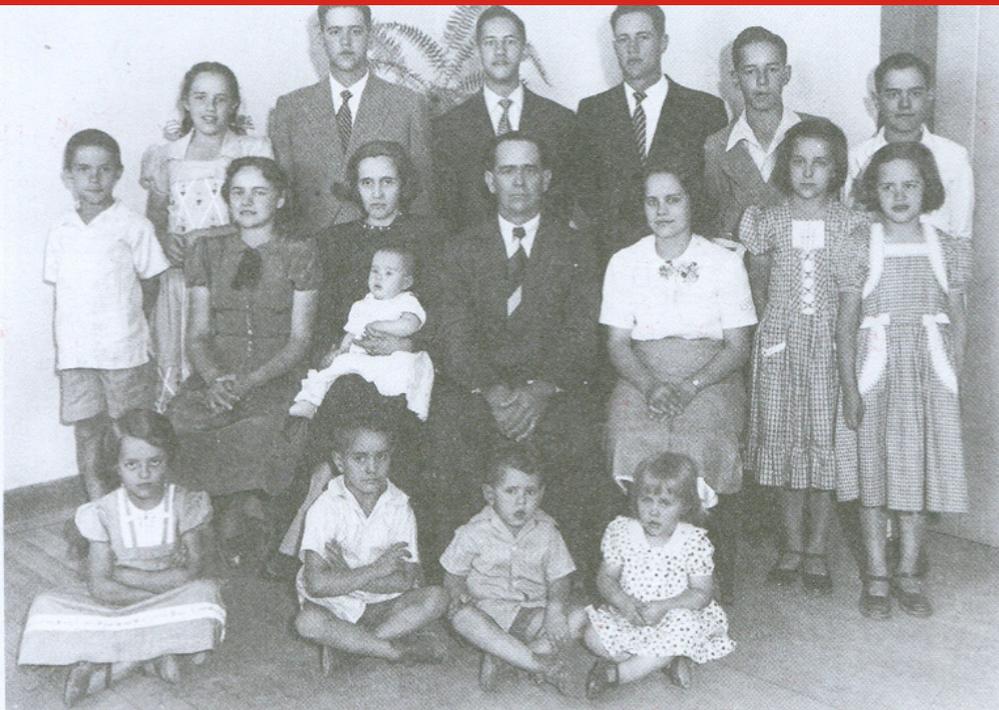
Nasceu em 25 de setembro de 1918. Filha de José Luiz Menezes e Lídia de Deus Vieira. Com 17 anos casou-se com José Gonçalo dos Santos e foi morar na fazenda Santa Cecília, no município de Carmo do Paranaíba. Tiveram 14 filhos: Maria Augusta, Maria Nazaré, José Maria, Lydia Maria, Terezinha, Frederico, Roberto, Russel, Geralda Maria, Pedro, Francisco, Maria de Fátima, Marcelo e Luís. Em 1951 mudaram-se para Araxá e aqui nasceram seus últimos cinco filhos. Dedicou sua vida à família e à lida da casa. Gostava de reunir os parentes e de participar de novenas e terços com as amigas. Faleceu em 08 de março de 2001.

Etelvina Borges (1877 – 1972)

Filha de Mateus Simões de Lima e Rita Januária Borges. Nasceu em 07 de março de 1877. Casou-se com João Pereira de Rezende e tiveram 12 filhos: Abílio, Maria, José, Terêncio, Sebastiana, Lídia, Amália, Jacinta, Mateus, João, Tereza e Etelvina. Para a família, “ela além de tecelã caprichosa era quituteira invejável, perfeita para contar *um caso*”. Faleceu em 22 de agosto de 1972.



Data da foto: década de 1910. Da esquerda para a direita: Lídia, Amália, Sebastiana, Etelvina, Tereza, João, Abílio, José e Terêncio.



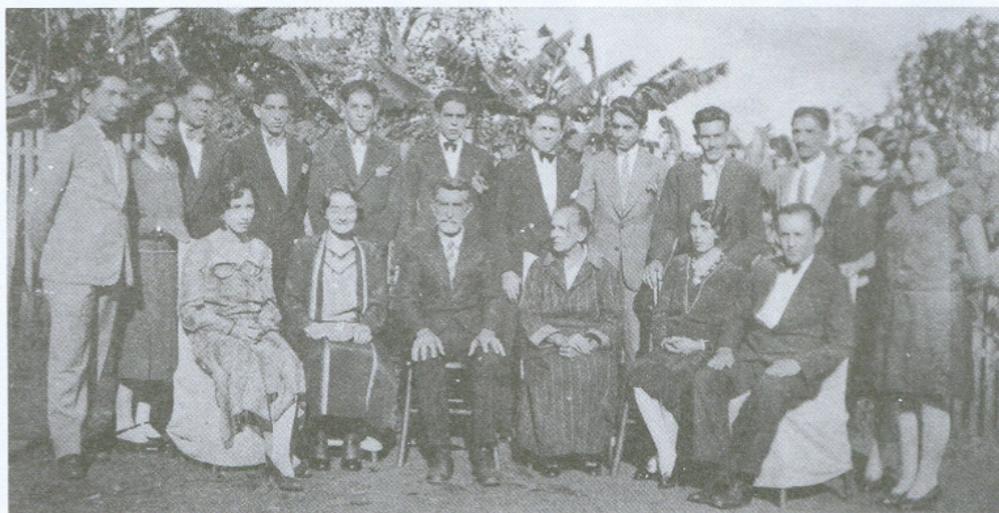
Data da foto: 31/07/1950. 3º. plano, da esquerda para a direita: Marcos Roberto, Maria José, Paulo César, Aloísio Renato, José Rubens, Ronaldo Alencar, Danilo André. 2º plano, da esquerda para a direita: Margarida Maria, Cecília, Maria Virgínia (no colo), José, Cecília Beatriz, Ana Maria e Maria Helena. 1º plano, da esquerda para a direita: Maria Alice, Ricardo Wagner, Vítor Hugo e Leda Maria.

Cecília Porfírio de Azevedo Borges Cília (1907 – 1988)

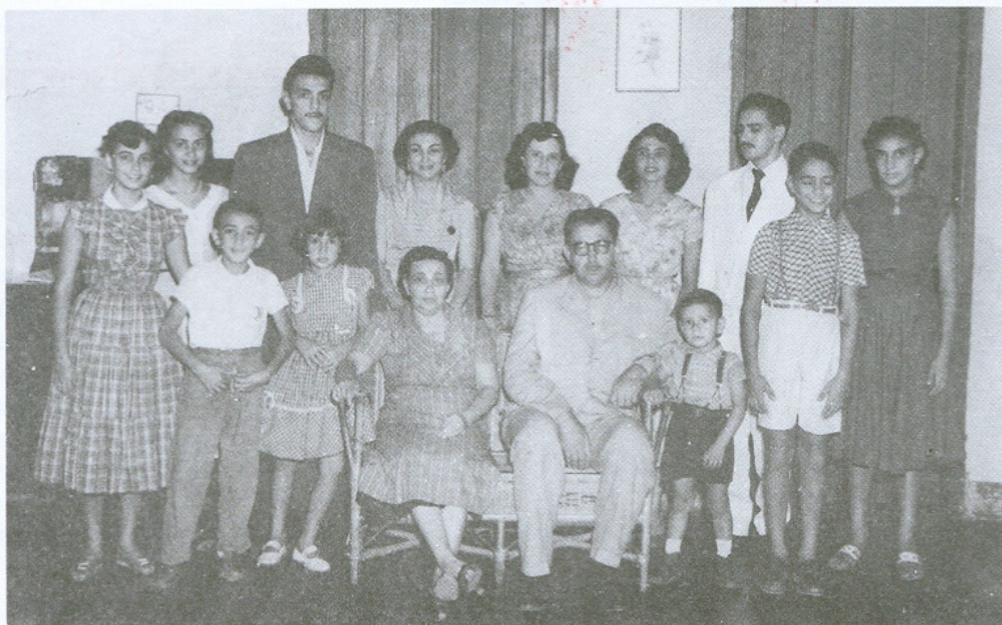
Filha de Elias Porfírio de Azevedo e Maria Dolores de Ávila. Nasceu em 22 de novembro de 1907. Casou-se com José Pereira Borges (Juca). Tiveram 16 filhos: José Rubens, Cecília Beatriz, Paulo César, Aloísio Renato, Margarida Maria, Danilo André, Ronaldo Alencar, Maria José, Ana Maria, Marcos Roberto, Maria Helena, Maria Alice, Ricardo Wagner, Vítor Hugo, Leda Maria e Maria Virgínia. Para a família, “se a Cília presidisse a Assembléia da ONU, o mundo não agonizava em guerra e destruição. Ela era pacifista, dizia sempre: os irmãos discutem, discutem, mas não ficam de mal. Pra quê? Vai além da mídia a sua filosofia de paz”. Faleceu em 14 de maio de 1988.

Dorvalina Augusta dos Reis (1873 – 1940)

Nasceu em 06 de dezembro de 1873. Casou-se com João Delfino dos Reis e residiram em Juiz de Fora até 1901 quando se mudaram para Araxá. Tiveram 15 filhos: Urias, Gumercindo, José, Francino, Pedro, Ivo, João, Felismino, Evaristo, Dorvina, Izaura, Júlia, Augusta, Maria e Delminda. Além dos quinze criaram outros cinco filhos como se fossem seus. Faleceu no dia 10 de junho de 1940.



Data da foto: 1920. Em pé, da esquerda para a direita: Luiz, Izaura, Gumercindo, Urias, José, Ivo, João, Francino, Evaristo, Felismino, Delminda e Maria. Sentados, da esquerda para a direita: Júlia, Augusta, João Delfino, Dorvalina, Dorvina e Otamiço.



Data da foto: 1955. 2º plano, da esquerda para a direita: Marly, Laís, Clodomir, Vera, Maria Anísia, Abigail, Romualdo e Maria de Lourdes. 1º plano, da esquerda para a direita: Ercílio, Suely, Anísia, Edgard (pai), Luiz César e Edgard.

Anísia Cardoso França (1907 – 1962)

Filha de Clodomir Cardoso e Anísia Tolentino. Seu pai era caixeiro-viajante e estava levando a esposa para dar a luz em Paracatu, quando ela começou a sentir as dores do parto. Encontraram uma cabana abandonada e aí ele fez o parto de sua única filha. Alguns dias depois foram para Paracatu. Mais tarde, se mudaram para Araxá. Anísia estudou interna, em São Paulo, no Colégio Santa Inês, onde teve também aulas de piano. Aos dezoito anos, em primeiro de novembro de 1925, casou-se com Edgard França e tiveram 13 filhos: Maria Anísia, Vera, Abigail, Maria José, Romualdo, Clodomir, Laís, Marly, Maria de Lourdes, Edgard, Ercílio, Suely e Luiz César. Faleceu em 11 de junho de 1962.

Alexandra Guimarães Borges

(1898 – 1985)

Filha de José Caputo e Ambrosina Guimarães, Alexandra nasceu em 18 de maio de 1898. Casou-se com Onezino Simões Borges e tiveram 11 filhos: Alda, João, José, Ernesto, Diva, Rodolfo, Maria Júlia, Dionéia, Antônio, Eugênia e Aderbal. Gostava de tocar violão e de cantar. Fazia chás, curativos, partos, crochê e também benzia. Trabalhou como parteira na Santa Casa. À noite, cuidava de recém-nascidos nas residências e isto fez com que o seu círculo de amizades aumentasse. Faleceu em 17 de julho de 1985.



Data da foto: 13/05/1951. Em pé, da esquerda para a direita: Aderbal, Antônio, Ernesto, João, José, Rodolfo e Eugênia. Sentados, da esquerda para a direita: Maria Júlia, Diva, Alexandra, Onezino e Dionéia.



Data da foto: 27/08/1963. Em pé, da esquerda para a direita: Sebastião, Carlos, Roberto, Osvaldo, Lourdes (Irmã Alexandrina), Melchiades, Plínio, José, Maria do Rosário, Olga. Sentados, da esquerda para a direita: Zoraida e Melchiades.

Zoraida Porfírio Cunha (1897 – 1969)

Filha de Osório Porfírio de Almeida Machado e Theodora de Afonseca e Silva. Nasceu em 20 de abril de 1897. Casou-se com Melchiades da Cunha Soares e tiveram 13 filhos: Yolanda, Maria José (Irmã Zoraida), Plínio, Lourdes (Irmã Alexandrina), Osvaldo, Olga, José, Vera, Roberto, Carlos, Maria do Rosário, Melchiades e Sebastião. Na opinião da família, Zoraida “com o olhar atento e, muitas vezes severo, educou os filhos no temor de Deus e no respeito à religião. Personalidade forte, inteligência rara, não se deixava enganar; parecia ter um sexto sentido, tal a sua perspicácia. Era extremamente religiosa, pessoa de comunhão diária, amiga verdadeira, caridosa e sempre atenta aos acontecimentos do país e do mundo. Política era um de seus assuntos prediletos”. Faleceu em 22 de julho de 1969.

Adélia Rodrigues Valle (1883 – 1959)

Filha de Francisco Rodrigues Valle e Gabriela Franco Carneiro. Nasceu em Araxá no dia 21 de setembro de 1883. Casou-se com Terêncio Pereira de Rezende em 03 de setembro de 1899 e tiveram 15 filhos: Joana, Gabriela, Rita, José, Francisco, Maria, João, Terêncio, Adélia, Pedro, Catarina, Ignez, Terezinha, Paulo e Antônio. Bordava, fazia crochê, renda do norte e costurava muito bem. Cozinhava admiravelmente. Era uma doceira de “mão cheia”. Em Araxá, foi uma das pioneiras em venda de doces. Tinha pouco estudo, mas sempre o quis para seus filhos. Gostava de ler romances clássicos, de viajar e de freqüentar teatros. Para a família, Adélia “era piedosa, temente a Deus e católica praticante. Todas as noites, em sua fazenda, ela rezava o terço com os familiares”. Faleceu em 27 de julho de 1959.



Data da foto: década de 1930. Em pé, da esquerda para a direita: Ignez, Pedro, José, Adélia (mãe), Terêncio, Terêncio (pai), João, Francisco e Catarina. Sentados, da esquerda para a direita: Adélia, Paulo, Gabriela, Terezinha, Rita, Antônio, Joana e Maria.



Thomazia Moura Santos

(1894 – 1978)

Filha de Francisco Pedro Borges e Maria Conceição Moura Borges, nasceu no dia 27 de fevereiro de 1894 em Araxá. Aos 16 anos conheceu e casou-se com Donato Pinheiro dos Santos, farmacêutico. Tiveram 13 filhos: José, Dagmar, Geraldo, Dolorita, Wilson, Maria José, Antônio, Vera, Donato, Dora, Júlia, Roberto e Fábio. Mãe dedicada, viveu em função dos filhos. Faleceu em 11 de outubro de 1978.

Data da foto: 27/08/1965. Em pé, da esquerda para a direita: Donato, Dolorita, Roberto, Júlia, Dora, Fábio, Dagmar, Wilson, Vera, Maria José e Antônio. Sentados, da esquerda para a direita: Donato, Thomazia e José.

Maria Januária Borges (1875 - 1972)

Nasceu em uma fazenda próxima de Araxá, em 1875. Aos 16 anos casou-se com João Ribeiro de Souza no dia 04 de fevereiro de 1891. Tiveram 16 filhos dos quais apenas 11 sobreviveram: Claudemira, Odília, Clotildes, Adélia, Rita, Geni, Maria Luzia, João, Dagmar (Irmã Domitila), Esperança e Wilson. Maria Januária (Marica) costurava, remendava, fiava, tecia e sabia bordar crivos com perfeição e criatividade. Foi uma ótima quitandeira e doceira. Para a família, “toda a sua vida foi uma doação constante, ensinando, pelo exemplo, a seus filhos a prática da Caridade, da Fé e do Perdão”. Faleceu no dia 27 de outubro de 1972, em Uberaba, com 97 anos de idade.



Data da foto: 1942. Maria Januária com o marido, os filhos, as filhas, os genros e as noras.



Aureliana Machado Lemos

(1883 – 1964)

Nasceu na cidade de Coromandel/MG, em 04 de maio de 1883. Filha do Major Aureliano Machado e de Rita Belarmino Machado, casou-se com Manoel de Ávila Lemos. Tiveram 15 filhos: Josina, Adolfo, Astolfo, Antenor, Hipólita, Manoel, Manoela, Rodolfo, Juvenília, Geraldino, Dionília, Agenor, Leonilda, Hilda e Maria Abadia. Segundo opinião dos familiares, Aureliana “era uma pessoa muito meiga e generosa. Soube cativar todos que a conheceram, com a sua delicadeza e bondade”. Faleceu em 24 de julho de 1964.

Data da foto: década de 1930. Em pé, da esquerda para a direita: Dionília, Juvenília, Hipólita, Astolfo, Rodolfo, Antenor, Agenor, Geraldino e Helena (neta). Sentados, da esquerda para a direita: Leonilda, Hilda, Aureliana, Manoel Gaspar (neto), Manoel, Ronaldo (neto), Marieta (nora) e Marlene (neta).

Maria do Rosário Moreira da Costa (1907 – 1990)

Filha de Joaquim Moreira da Motta e Marcolina Juvelina. Nasceu em Araxá, em 14 de abril de 1907. Em 12 de dezembro de 1928, casou-se com Antônio Pedro da Costa e tiveram 10 filhos: Ercília, Vicente, Lourdes, Geraldo, Maria José, Malvina, Generosa, Simeão, Helenice e Reinaldo. Além dos dez, criou o enteado Baltazar e também outras vinte pessoas como se fossem filhos. Era muito religiosa e caridosa. Costurava, bordava a máquina, fazia crochê. Gostava muito de jogar cartas, "buraco", com os familiares, todas as noites. Trabalhadeira, fez e vendeu sabão para ajudar no sustento da família que era numerosa. Um dos seus "hobbies" prediletos era viajar, pois gostava muito de visitar os filhos que moravam fora. Outro passatempo preferido era passear na fazenda do filho Simeão, uma vez que adorava o contato com a natureza. Faleceu em 12 de junho de 1990.



Data da foto: 1950. 2º plano, da esquerda para a direita: Baltazar, Ercília, Vicente, Lourdes, Geraldo, Maria José, Malvina e Maura (neta). 1º plano, da esquerda para a direita: Generosa, Rosária (nora), Zacarias (neto), D. Marica (sogra), Antoninho, Simeão, Maria do Rosário, Reinaldo (no colo) e Helenice.



Data da foto: década de 1990. Semíramis

Semíramis Barreto (1904 – 1994)

Nasceu em 04 de abril de 1904, filha de Urbano Barreto e de Maria de Paiva Barreto. Casou-se com Oacisto Teixeira da Cunha e tiveram 11 filhos, dos quais 3 faleceram prematuramente. Criados com extrema severidade, receberam nomes inspirados nos romances indianistas, especialmente os de José de Alencar. São eles: Ubirajara, Jurandir, Guaracy, Aracy, Potyguara, Jaguarê, Tamandaré e Pery. Dedicou sua vida aos filhos e ao esposo. O que mais gostava de fazer era frequentar missas na Igreja de São Sebastião e assistir às novelas de televisão. Outro hábito que a acompanhou pela vida foi a leitura diária de jornais e revistas. Faleceu em 12 de junho de 1994.

Maria Moura Barreto (1909 – 1993)

Filha de Antônio Moura Bananal e Josephina Júlia de Moura. Nasceu em Araxá no dia 22 de junho de 1909. Em 03 de novembro de 1928, casou-se com Olivério Moura Barreto e tiveram 12 filhos: Antônio, Nadir, Maria Auxiliadora, Olívia, Henrique, Diva, Altina, Neide, Josefina, Teresa, Elza e Olivério Filho. Para os familiares, "foi uma mulher dedicada ao lar. Ajudou o marido na sua profissão – alfaiate – e a educar os filhos. Religiosa, caridosa, deixou para os filhos o que de melhor poderia: os bons exemplos". Faleceu no dia 21 de janeiro de 1993 aos 83 anos.



Data da foto: 1978. Em pé, da esquerda para a direita: Altina, Maria Auxiliadora, Neide, Elza, Teresa Diva, Henrique, Josefina, Nadir, Olivério Filho, Antônio e Olívia. Sentados: Maria e Olivério.



Data da foto: 1998. Em pé, da esquerda para a direita: Rogério, Maurício Antônio, Ricardo, Ronaldo, Mauro César e Lázaro José. Sentadas, da esquerda para a direita: Célia, Terezinha, Adelina, Juraci, Cédia, Salviana, Rosa Maria, Maria Auxiliadora e Cordélia.

Cédia Rios Carneiro (1909 – 1999)

Era filha de Antônio Gonçalves Rios e Adelina Pereira Guimarães. Araxaense, nascida e criada na fazenda Mourão Rachado. Aos vinte e um anos casou-se com Mauro Afonso Carneiro e tiveram 15 filhos: Maria Auxiliadora, Salviana, Terezinha, Fábio, Maurício Antônio, Ronaldo, Ricardo, Cordélia, Rosa Maria, Lázaro José, Adelina, Mauro César, Célia, Rogério e Antônio. Adotaram, ainda, uma filha: Juraci. Religiosa, rezava o “Santo Terço” todos os dias com seus filhos e amigos. Viveu durante sessenta e quatro anos na fazenda ao lado do marido. Gostava de presentear os amigos e parentes com compotas de doces de frutas colhidas no seu pomar, quitandas, polvilho, farinha e queijos por ela produzidos. Fazia crochê e com os seus trabalhos manuais enfeitava a casa, deixando-a mais acolhedora. Caridosa, não esquecia os menos assistidos. Faleceu em 21 de dezembro, aos 90 anos.

Irinéia de Aguiar Ávila (1894 – 1968)

Filha do casal Cincinato Ferreira de Aguiar e Maria Thereza da Costa (D. Leza), nasceu em 8 de novembro de 1894. O seu casamento foi combinado pelos pais, como era o costume da época. Realizou-se no dia 31 de julho de 1910, na Vila do Rio Paranaíba, onde os seus pais possuíam uma propriedade denominada Fazenda dos Arcos. Até o início de 1911, o casal morou na fazenda dos pais dela. Depois se mudaram para a casa que construíram na fazenda Bananal, município de Ibiá, em terras herdadas pelo seu marido Carlos de Ávila Neto. Tiveram 13 filhos, mas apenas 11 sobreviveram: Adolfo, Tereza, Carlos, Geraldo, Geralda, Cincinato, Marta, Joaquim, Olga, Cecília e Pedro. Irinéia faleceu no dia 4 de janeiro de 1968 com 74 anos de idade.



Data da foto: 1960. Em pé, da esquerda para a direita: Adolfo, Carlos, Geraldo, Marta, Cincinato, Joaquim e Pedro. Sentados, da esquerda para a direita: Tereza, Geralda, Carlos, Irinéia, Olga e Cecília.

Manoela Lemos (1905 – 1990)

Filha de Cassiano de Paula Lemos e Josina de Paula nasceu em 1905. Casou-se cedo, aos 16 anos, com seu primo, Urciano Lemos. Tiveram 10 filhos: Zélia, Elza, Teresinha, Nelita, Carlos, Eduardo, Geraldo, Urcianinho, Gilberto e Ronaldo. Dedicou sua vida à família e aos movimentos religiosos da Paróquia de São Domingos. A fé era característica marcante em sua vida. Faleceu em 15 de fevereiro de 1990, aos 84 anos de idade.



Data da foto: abril/1985. 2º plano: da esquerda para a direita: Carlos, Nelita, Urcianinho, Gilberto, Urciano, Ronaldo e Elza. 1º plano: Teresinha, Manoela, Zélia, Geraldo e Eduardo.

Alice Ribeiro dos Santos

(1884 – 1924)

Filha de Albina Montandon e Antônio Ribeiro da Silva nasceu em Bagagem, hoje Estrela do Sul, no dia 04 de dezembro de 1884. Casou-se com Theophilo Ferreira dos Santos e tiveram, em 22 anos de casamento, 10 filhos: Enéas, Rosalvo, Jaime, Clarice, Iveta, Waldete, Maria, Arlete, Francisco e Irene. Na opinião dos familiares, Alice "foi uma pessoa alegre, amiga, inteligente e piedosa. Gostava de ler e era muito firme em suas posições". Faleceu aos 40 anos, no dia 25 de dezembro de 1924.



Data da foto: década de 1920. 2º plano, da esquerda para a direita: Iveta, Clarice, América (nora), Enéas, Rosalvo e Jaime. 1º plano, da esquerda para a direita: Arlete, Alice, Francisco Theóphilo, Theóphilo, Waldete e Maria.



Data da foto: 1912. Em pé, da esquerda para a direita: Olga, Hermantina, Antônio, Olavo, Nestor e Angelina. Sentados, da esquerda para a direita: Maria Elisa (Marieta), Raimundo (no colo), Antenor, Luiza, Walter (no colo), Azarias, Dário, Romeu e as crianças: Urbano, Elisa e Ronan.

Luiza de Castro Alves (1880 – 1953)

Filha de Antônio Theodoro da Silva Botelho Sobrinho e Maria Cândida de Castro. Seu pai foi barbaramente assassinado e então ela passou a morar com o seu tio Joaquim Antônio da Silva. Luiza e sua prima Dolores estudaram em Uberaba, onde aprenderam, entre outras matérias, o francês. Com 14 anos, casou-se com Azarias Alves Ferreira, viúvo de sua irmã Elisa. Criou os seus dois sobrinhos: Maria Elisa (Marieta) e Antônio. Tiveram 18 filhos: Hermantina, Olavo, Nestor, Olga, Angelina, Romeu, Ronan, Dário, Walter, César, Paulo, Virgílio, Alberto, Valda, Maria Aparecida, Elmo, Orlando e Sebastião. Faleceu em 05 de janeiro de 1953.

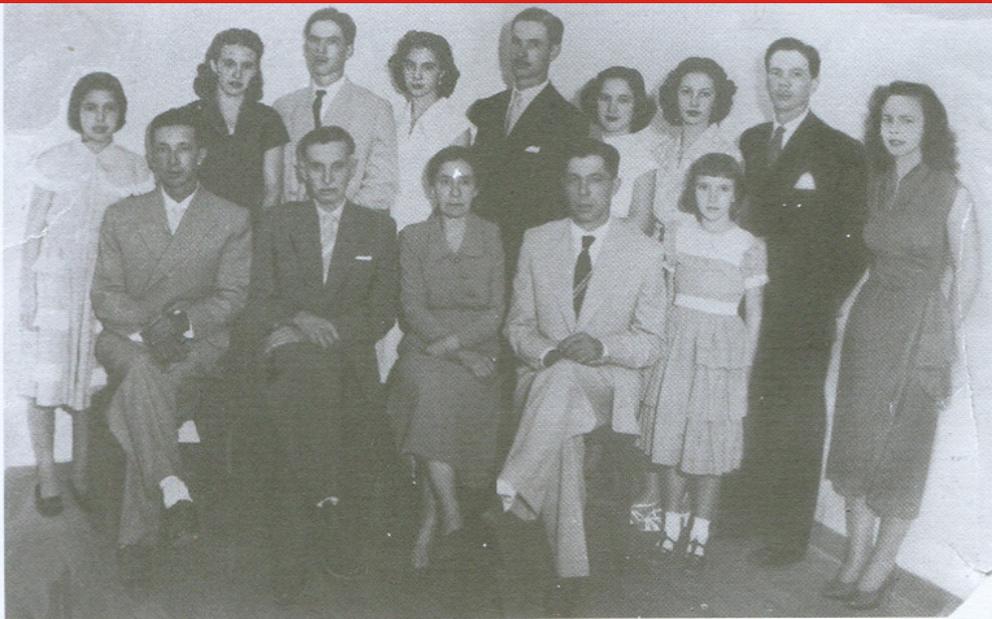
Ana Josefina de Almeida Machado

(1871 – 1919)

Filha de Dâmaso Afonso de Almeida e Maria da Natividade de Nossa Senhora. Casou-se com Joaquim Porfírio Álvares Machado, farmacêutico, e tiveram 9 filhos: José, Adozinda, Zaida, Cristovam, Maria José, Amália, América, Dagmar e Moacyr. A família mudou-se para Franca. Viúva, retornou a Araxá, abriu uma pensão e com o seu trabalho e coragem conseguiu formar 4 filhos (um médico, um padre e duas normalistas). Faleceu em 1919.



Data da foto: década de 1890. Ana Josefina.



Data da foto: década de 1950. 2º plano, da esquerda para a direita: Cirene, Anair, Wilson, Luíza, Lázaro, Maria das Dores, Maria Abadia, Adalardo e Luzia. 1º plano, da esquerda para a direita: Almondes, Gustavo, Rufina, Wirmondos e Antônia.

Rufina Borges Rios

(1894 – 1987)

Filha de Manoel Rufino e Júlia Borges Rufino, nasceu em 20 de setembro de 1894, em Araxá. Em 1913 casou-se com Gustavo Gonçalves Rios e tiveram 12 filhos: Almondes, Wirmondos, Anair, Lázaro, Adalardo, Luzia, Wilson, Maria Abadia, Maria das Dores, Maria Luiza, Cirene e Antônia. Toda a sua vida foi dedicada à família. Faleceu em Araxá aos 93 anos.

Violanta Higina de Castro

Dona Tôca (1902 – 1960)

Filha de Saturnino José Carneiro e Elisa Etelvina de Castro, nasceu em Araxá no dia 11 de janeiro de 1902. Aos 18 anos, em 10 de janeiro de 1920, casou-se com Pedro Dias de Carvalho e tiveram 10 filhos: Elisa, Josephina, Rita, Lourdes, Antônia, Maria do Rosário, Benedito, Vicente, Ângela e Antônio. Para a família, *Dona Tôca* "foi uma mulher enérgica, moderna, inteligente, elegante, sensível, cristã, tolerante e de visão". Faleceu muito jovem, em 04 de fevereiro de 1960.



Data da foto: 1945. 2º plano, da esquerda para a direita: José Tibúrcio (genro), José Reinaldo (neto), Elisa, Josephina, Benedito, Rita, Antônia (Beju) e Lourdes. 1º plano, da esquerda para a direita: Maria do Rosário (Zulinha), Pedro, Antônio, Violanta, Ângela e Vicente.

Lygia Valle Cardoso (1911 – 1998)

Filha de Prazildo Rodrigues Valle e Adelaide da Costa Valle, nasceu em Carmo da Mata no dia 18 de junho de 1911. Ali cresceu e estudou. A fim de dar continuidade aos seus estudos, mudou-se para Oliveira-MG, onde se formou Normalista. Como professora, voltou a Carmo da Mata e ali lecionou até 1934, quando se casou com o farmacêutico Clóvis Cardoso Júnior. Mudaram para Araxá e tiveram dez filhos: Lygia, Hercília, Lucília, Marília, Cleonice, Helena, Célia, Clóvis Neto, Lúcia e Cícero. Foi professora no Grupo Escolar Delfim Moreira até se aposentar em 1955. Para os familiares, Lygia foi uma pessoa "batalhadora incansável, esposa dedicada, mãe e avó amantíssima e exemplar, trabalhou muito, colocando, porém, sua família em primeiro plano durante toda sua existência". Faleceu no dia 24 de novembro de 1998.

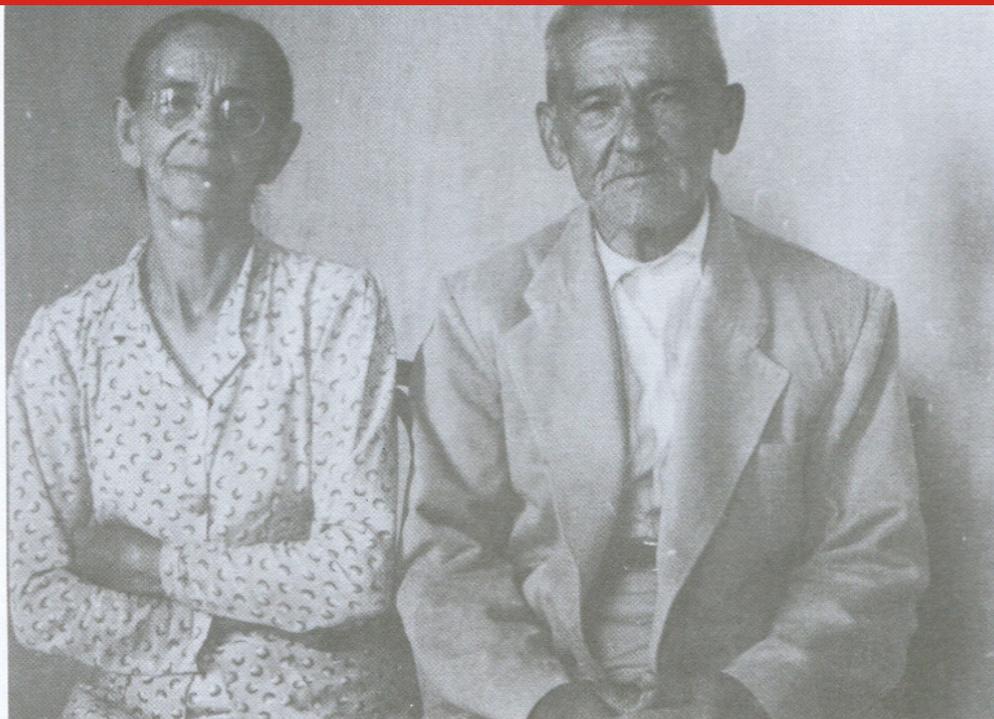


Data da foto: 1992. Da esquerda para a direita: Helena, Cleonice, Célia, Lúcia, Lygia, Hercília, Marília, Lucília e Lyginha.

Izaura Afonso Reis

Zarica (1892 – 1984)

Filha de João Delfino dos Reis e Dorvalina Augusta dos Reis, nasceu em 15 de fevereiro de 1892. Em 1908 casou-se com Antônio Gregório Afonso Filho e tiveram 13 filhos: Izaurindo, Ciro, Celso, Sebastião, Maria, Yá, João, Jairo, José, Irany, Yolanda, Vanda e Wilson. Amamentou dois de seus irmãos caçulas que nasceram na mesma época de seus filhos mais velhos. Na opinião da família, Zarica “nunca se queixava das agruras da vida, tinha a têmpera do aço e galgava as escarpas sombrias com a serenidade de uma gazela: altiva e tranqüila. Ela era toda ternura no meio das tempestades e das rajadas de vento forte”. Faleceu em 08 de agosto de 1984.



Data da foto: 1948. Izaura e Antônio Gregório.



Data da foto: década de 1960. 2º. plano, da esquerda para a direita: João Bosco, Maria Conceição, Alexandre, Adalberto, Onice, Olga, Irmã Maria Celeste, Omar Filho, Maria do Carmo, José Leôncio, Maria Iracema, Odete e Maria Percília. 1º plano, da esquerda para a direita: Paulo César, Iracema e Omar.

Iracema Dumont Fonseca (1909 – 1968)

Filha de Leôncio Fonseca e Maria Clara Dumont Fonseca, nasceu em 29 de agosto de 1909. Aos 18 anos, casou-se com Omar Dumont e tiveram 16 filhos sendo que dois não sobreviveram: Omar Filho, Odete, Onice, Olga, Maria do Carmo, Maria Celeste, Alexandre, Maria Percília, Adalberto, Maria Conceição, João Bosco, Maria Iracema, José Leôncio e Paulo César. Gostava dos afazeres do lar, costurava, fazia lindos crochês, bordava a máquina e, além disso, era ótima cozinheira. Na opinião da família, Iracema era “muito católica, participava de todos os movimentos da Igreja: Apostolado da Oração, Ordem Terceira Dominicana e Focolare. Soube transmitir aos filhos, como verdadeira mestra, sua fé, uma grande confiança em Deus e a devoção a Nossa Senhora a quem ela sempre dizia consagrar sua família todos os dias”. Faleceu em 28 de agosto de 1968.

Raquel da Cunha Soares (1892 – 1930)

Nasceu em Araxá no dia 4 de dezembro de 1892. Era filha de Bartholomeu Germiniano Salerno e de Maria Soares. Aos 18 anos casou-se com Fernando Parolini e tiveram 10 filhos: José, João Baptista, Francisco, Geraldo, José, Maria José, Fernando, Benedita, Felismundo e Holanda. Dedicou a sua vida aos filhos e às atividades do lar. Faleceu em 23 de julho de 1930.



Data da foto: década de 1910. Raquel e Fernando.



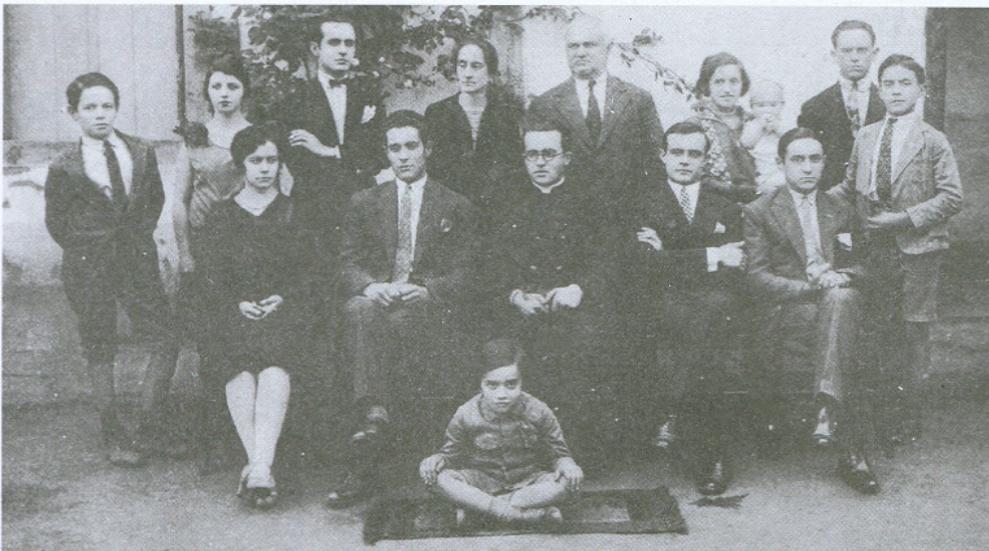
Data da foto: 01/08/1944. 2º plano, da esquerda para a direita: Cacildo, Carício, José, Virmondos, Eurípedes, Orcalino e Olavo. 1º plano, da esquerda para a direita: Florípes, Belma, Honorina, Horácio Janot, Horácio, Cirene e Yolanda.

Jacintha Rodrigues Valle (1881 – 1954)

Filha de Francisco Rodrigues Valle e Gabriela Franco Carneiro. Nasceu em 26 de abril de 1881. Casou-se com Eloy Teixeira de Ávila em 25 de junho de 1898 e tiveram 15 filhos: Euclides, Tereza, Osvaldo, Antônio, Francisco, Durval, Eloy, José, Olga, Manoel, Alaor, João Batista, Paulo, Aparecida e Jacintha. Para a família, Jacintha foi uma "quitandeira de mão cheia, fazia quase todos os tipos de biscoitos, bolos, doces e as quitandas mais famosas eram a *rosca* e o *bolo de leite*, receita já eternizada como *Bolo de Leite Mãe Jacinta*, registrada no livro de culinária *Araxá põe a mesa*, vol. I. Fazia mesas de doces, bolos e tortas para festas, como casamentos, aniversários etc. Sabia costurar muito bem e fazia camisas masculinas com perfeição". Faleceu em 12 de maio de 1954.



Data da foto: década de 1900. Jacintha e Eloy.



Data da foto: 18/09/1928. Em pé, da esquerda para a direita: Gusmão, Doralice (nora), Mário, Maria Dolores, Elias, Cecília, Rubens (no colo), Juca (genro) e Apulchro. Sentados, da esquerda para a direita: Aracéli, Lamartine, Pe. Alaor, Evandinack, Genaro e Jarbas (sentado no tapete).

Honorina Alzira de Rezende (1887 – 1963)

Filha de José Ribeiro de Rezende e Deolinda Guilhermina de Souza, Honorina nasceu em 27 de dezembro de 1887. Casou-se com Horácio Afonso de Almeida e tiveram 12 filhos: Florípes, Eurípedes, Orcalino, José, Carício, Cacildo, Olavo, Virmondos, Yolanda, Belma, Cirene e Horácio Janot. Morou na fazenda Santa Rosa, município de Perdizes e sua casa era o ponto de encontro da família e dos vizinhos. Depois, mudou-se para Araxá, para que as filhas pudessem estudar. Faleceu em 26 de março de 1963.

Maria Dolores de Ávila (1882 – 1952)

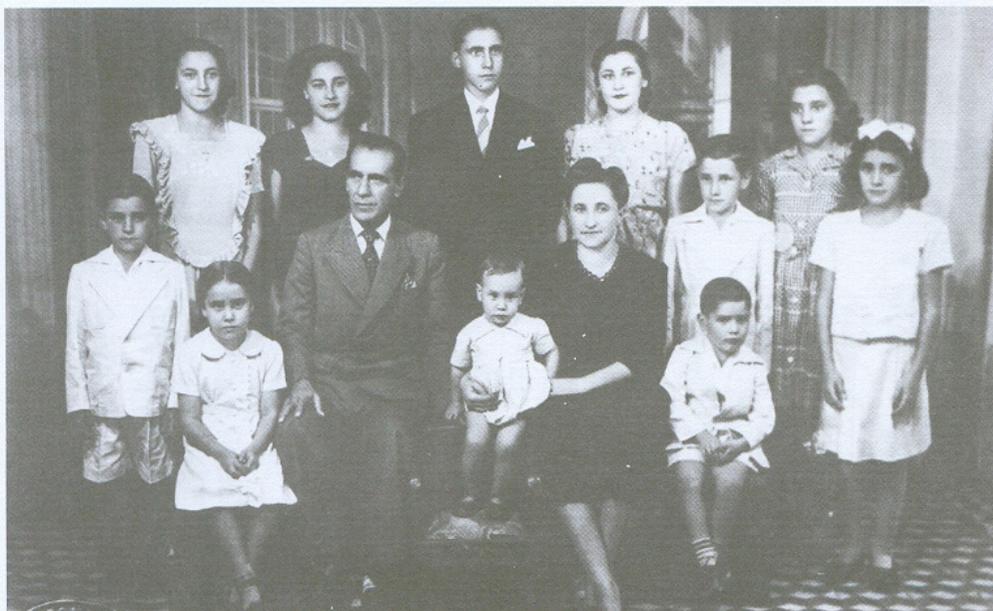
Filha de Joaquim Antônio da Silva e Maria das Dores de Ávila. Nasceu em 26 de abril de 1882. Casou-se com Elias Porfírio de Azevedo e tiveram 11 filhos: Padre Alaor, Mário, Aracéli, Cecília, Lamartine, Joaquim Ewandinack, Genaro, Apulchro, Domingos Gusmão, Jarbas e Renato. Para a família, "Dona Dolores era uma *lady*, tinha atitudes de rainha. No centro da família era o equilíbrio, dotada da *capacidade de captar o universo do outro: percebia os momentos de falar ou calar através do sentimento*". Faleceu em 26 de abril de 1952.

Dulce Santos Guimarães
(1901 – 1968)

Filha de José Veríssimo Montandon e Júlia Carneiro dos Santos, nasceu em 10 de outubro de 1901. Casou-se em 01 de setembro de 1919 com José Guimarães e tiveram 12 filhos: Humberto, Jarbas, José, Terezinha, Lélia, Paulo, Maria Aparecida, Luiz Carlos, César, Dulce Helena, Vera Lúcia e Júlia. Para os familiares, Dulce era "religiosa, confiante em Deus, soube dar uma bela formação aos filhos". Faleceu em 15 de janeiro de 1968.



Data da foto: 1944. 2º plano, da esquerda para a direita: Maria Aparecida, Humberto, Dulce Maria (nora), Terezinha, Lélia e José. 1º plano, da esquerda para a direita: Dulce Helena, José Guimarães, Vera Lúcia, Dulce, Júlia (no colo), Luiz e César.



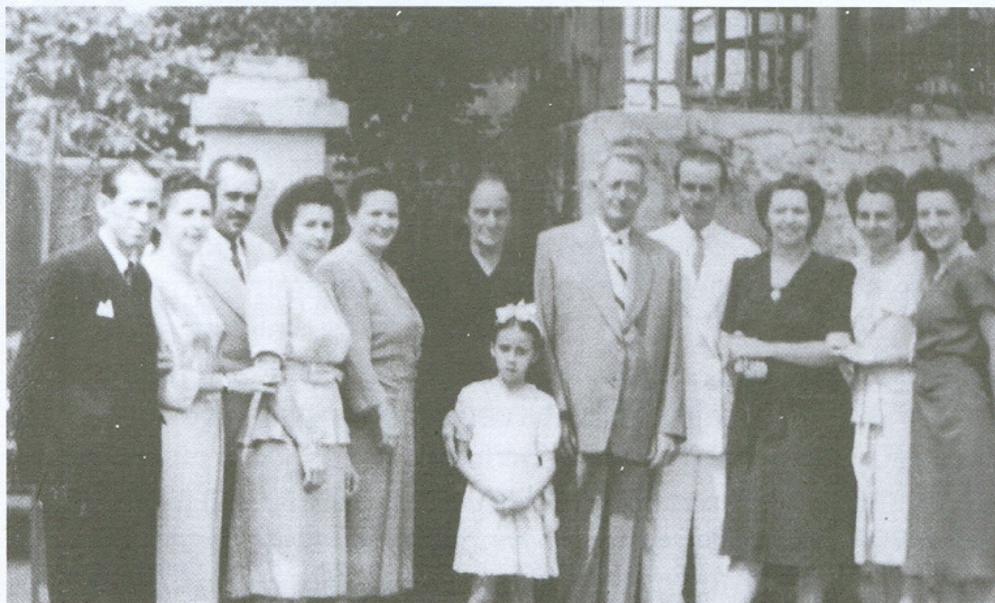
Data da foto: 1945. 2º plano, da esquerda para a direita: Francisco, Cleusa, Cleide, José Juarez, Cléia, Orlando, Ana Malvina e Júlia Maria. 1º plano, da esquerda para a direita: Marilena, José, Paulo Eduardo, Júlia e Rômulo.

Júlia Porfírio Leitão (1905 – 1994)

Filha de Tomé Porfírio Álvares Machado e Ana Luíza Carneiro dos Santos. Nasceu em 05 de outubro de 1905. No dia em que completou 16 anos casou-se com José da Silva Leitão e tiveram 13 filhos: Cléia, Cleide, Cleusa, Cleusa, José Juarez, Ana Malvina, Júlia Maria, Orlando, Francisco, Marilena, Rômulo, Paulo Eduardo e Stella. Chegou a completar 57 anos de casada. Segundo a opinião dos familiares, Júlia "nas lutas do dia-a-dia, sempre foi muito feliz no convívio do lar com a família e grande número de amigos. Depois de certa idade, preenchia o seu tempo fazendo crochê com muita habilidade". Faleceu no dia 14 de maio de 1994 aos 88 anos.

Maria Luíza de Oliveira Melo
Maricota (1882 – 1959)

Natural de Santo Antônio do Monte, Maria Luíza era filha de Francisco Cassiano Oliveira e Teresa Luíza de Oliveira. Nasceu em 20 de fevereiro de 1882. Casou-se com José Primo de Melo e tiveram 12 filhos, sendo que 03 faleceram ainda criança: Dejanira Luíza, Teresa Luíza, Alzira Luíza, Dinorah Luíza, Dinorah Luíza, José Primo de Mello Júnior, Francisco, Walter, Olímpio, Maria Luíza, Iolanda Luíza e Vera Iolanda Luíza. Mudaram-se para Araxá em 1940 e aqui criaram os filhos. Para a família, Maria Luíza será sempre lembrada como "mulher de têmpera, à frente de seu tempo, com postura impecável e extremamente perfeccionista. De sua vida — fez doação; de suas ações — exemplos e de sua família — sinais concretos de amor". Faleceu em 1959.



Data da foto: década de 1940. Casal: *Maricota* e *Juca* com os filhos e neta.



Data da foto: década de 1940. Prozolina com o marido, filhos, filhas, noras e netos.

Prozolina Porfírio de Affonseca

(1881 – 1971)

Filha de Evaristo Afonso da Silva e Maria Porfírio da Rocha. Nasceu em 28 de setembro de 1881. Casou-se, em 19 de dezembro de 1896, com o farmacêutico Sebastião de Affonseca e Silva e tiveram 13 filhos: Sebastião, José Gaspar, Celidônio, César, Saul, Maria, Agar, Clélio, Filotéia, Filotéia, Jésus, Sebastião e Teresinha. Religiosa, levava os filhos para participarem de todos os movimentos religiosos da cidade. Todas as tardes se reuniam para rezar o terço. Cuidava dos afazeres domésticos com muito capricho, não deixando faltar nem doces e nem quitandas, pois gostava de agradar os que a visitavam. Nas horas vagas, fazia crochê e presenteou as noras e as netas com os seus trabalhos manuais. Viveu muitos anos ao lado do marido e juntos chegaram a comemorar bodas de prata, de ouro e de diamante.

Anna Carneiro de Paiva (1908 – 1990)

Nasceu em 15 de junho de 1908 no município de Araxá, na fazenda Pirapetinga, propriedade de seus pais, Pedro Carneiro de Paiva e Celuta de Almeida Paiva. Ao lado dos irmãos, ali viveu a sua infância e mocidade. Aos 15 dias do mês de julho de 1926, na antiga Matriz de São Domingos de Araxá, casou-se com Juvenal Pereira Marques e tiveram 11 filhos: Josina, Terezinha, José (Zito), Walter, Dalva, Marísia, Wander, Maria Júlia, Marco Antônio, Ana Lúcia e Luís Alberto. Estes, somaram-se aos três filhos de Juvenal – Maria, Geralda e Waldemar – que, órfãos de mãe ainda pequenos, foram criados por Anna. “Consciente de suas responsabilidades como mãe, esposa e companheira, Anna jamais se furtou ao imenso trabalho, agindo sempre de maneira hábil e silenciosa”. Faleceu em 24 de setembro de 1990.



Data da foto: 1970. Casal: Anna e Juvenal Pereira Marques com os filhos.

Fontes:

- (1) BARROS, Myriam Moraes Lins de. *Memória e Família*. In: ESTUDOS HISTÓRICOS. Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, n. 3, 1989, pp. 29-42.
- (2) CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Iconografia e História*. In: ARTIGOS E

ENSAIOS. [S.l]: [s.n.], [s.d.], pp. 9-17.
 (3) MALUF, Marina; ROMERO, Mariza. *A sublime virtude de ser mãe*. In: PROJETO HISTÓRIA Corpo & Cultura. São Paulo: Educ, n. 25, dez. 2002, pp. 221-241.

- Depoimentos orais
 - Arquivos SAPP/FCCB

- Acervos pessoais

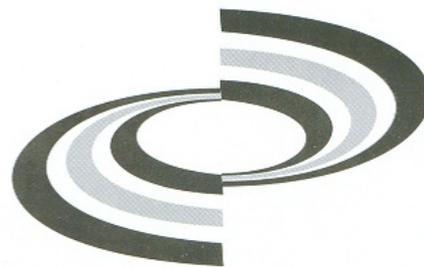
Pesquisa:

Glaura Teixeira - Consultoria Histórica
 Maria Trindade Coutinho de Resende Goulart

Texto:

Glaura Teixeira Nogueira Lima

CAFÉ



ViP
IMOBILIÁRIA
E SEGUROS



SESC
MINAS GERAIS

O Serviço Social do Comércio de Minas Gerais é uma instituição voltada para a prestação de serviços na área social, atuando praticamente em todo o estado.

Entre as muitas atividades exercidas pelo SESC/MG, o atendimento às necessidades fundamentais dos cidadãos levou a instituição a atuar nas áreas de educação, saúde, esporte, cultura, lazer e turismo. São áreas com grande abrangência social e inúmeras oportunidades de trabalho.

O SESC conta a sua história através do trabalho que vem fazendo no estado há muitos anos. Um trabalho que beneficia e favorece a comunidade de Minas Gerais.

Núcleo Educativo Monteiro Lobato



Pré-vestibular a partir de julho 2003



Mãe

*Por sua incansável solicitude,
uma mulher ainda jovem
tem a tranqüila sabedoria de uma anciã e,
na velhice, o admirável vigor da juventude.*

O Centro de Atendimento à Mulher vem oferecer um espaço diferenciado para atender desde a pré-adolescência até a terceira idade, com serviços gratuitos nas

áreas de saúde preventiva, pré e pós-natal, aleitamento materno, assistência psicológica, aprimoramento profissional, informações jurídicas e trabalho voluntário.

Uma homenagem às Mães, pela Graça Divina em ver multiplicado todo o potencial do ser humano.



CENTRO DE ATENDIMENTO À MULHER